

QUANDO HOMERO IGNORA O TEMPO: A JUVENTUDE DE AQUILES

*Alexandre Santos de Moraes**

Resumo:

*Aquiles é a personagem homérica mais complexa. O herói de quem a Musa canta a ira na **Iliada** é também uma das personagens cuja idade é mais difícil de ser definida. Este artigo pretende refletir sobre os critérios de definição de seu grau etário considerando que as idades da vida são eventos biológicos socialmente refletidos.*

Palavras-chave: *Aquiles; juventude; poesia homérica.*

Definir a idade de alguém não parece ser uma questão que suscite grandes dúvidas. Uma breve observação da aparência física, do vocabulário e dos costumes mais evidentes é suficiente para nos julgarmos capazes de sugerir com razoável grau de certeza quantos anos de vida o avaliado tem. Às vezes, erramos, mas dentro de um limite aceitável. Ao reconhecermos a idade, também somos capazes de supor suas condutas sociais básicas, já que cada fase da vida traz consigo a exigência de determinados comportamentos. Para nós, por exemplo, seria digno de estranhamento ver um grupo de adolescentes se sentar à mesa de uma distinta cafeteria para discutir a política macroeconômica do governo, devidamente acompanhado de um saboroso chá de camomila e ao som de Billie Holiday; também seria digno de nota um grupo de idosos partilhando uma garrafa de vodka barata, com a carteira de estudante em mãos, esperando impacientemente

* Aluno de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF), sob orientação do Prof. Dr. Ciro F. S. Cardoso. Bolsista CNPq.

sua vez para comprar uma meia-entrada para o *Rock in Rio*. É verdade que o recente envelhecimento da população e o recrudescimento da longevidade sadia contribuíram para que os estratos mais velhos da sociedade pudessem desempenhar atividades antes exclusivamente destinadas aos jovens, mas não são necessárias grandes pesquisas para deduzir que esse é um fenômeno quase que exclusivamente contemporâneo.

A coerência entre o comportamento e a idade no presente da vida social também é marca característica dos poemas atribuídos a Homero, em que a caracterização etária das personagens tende a possuir uma regularidade pouco comum a outros temas. De fato, há alguns “lapsos” na narrativa que são perfeitamente explicáveis pela origem oral dos poemas. A questão do *tempo* é uma excelente medida. Basta recordar que, segundo a tradição, os combates entre gregos e troianos, narrados pela **Ilíada**, duraram dez anos, mas Homero os descreve apenas a partir do nono, e as ações propriamente ditas duram apenas cinquenta e seis dias. No caso da **Odisseia**, o herói errante enfrentou os perigos também por dez anos, mas, em termos cronológicos, o poema é ainda mais conciso que a **Ilíada**: a ação dura apenas quarenta e um dias. Para Donaldo Schüller, “a unidade do tempo em narrativa longa é invenção apreciável; apresenta, no entanto, dificuldades que Homero ainda não soube solucionar” (SCHÜLER, 2004, p.25). Outrossim, quando pensa as idades das personagens, Homero é metuculoso. Não há como dizer que Néstor e Príamo, os idosos mais conhecidos na **Ilíada**, não se comportavam de acordo com as limitações impostas pela senectude; na **Odisseia**, o caso de Telêmaco é notório: torna-se adulto por volta dos 20 anos, visto que Odisseu o deixou recém-nascido em Ítaca e regressou somente após duas décadas. Aliás, o envelhecimento de Odisseu também é respeitado, já que Athená em diversas vezes o “rejuvenesce” para cumprir determinados feitos. Homero oferece um espaço privilegiado para compreender as expectativas dos helenos dos séculos X ao IX a.C. acerca das ações sociais atribuídas a cada grau etário.

O caso de Aquiles é uma exceção. Os eventos que envolvem o herói cuja cólera a Musa canta e a quem Homero presta inúmeras deferências são complexos e exigem análise cuidadosa. O poeta se concentra longamente em tudo que o envolve, já que o filho de Peleu é o protagonista da narrativa e a guerra se move, com os auspícios dos deuses, para que a ofensa de Agamêmnon seja reparada com primícias. Assim, temas que poderiam despertar o interesse do ouvinte (e de nós, leitores!) acerca da guerra pro-

priamente dita, não assumem tanto destaque quanto eventos aparentemente casuais, como o canto introspectivo a que o herói se dedica no acampamento dos Mirmidões (HOMERO. *Ilíada*, IX, 186-195) ou a longa descrição das armas que Hefesto forjou a pedido de Tétis (HOMERO. *Ilíada*, XVIII, 468-617). O mesmo ocorre em nível da linguagem, visto que “quando Homero dá voz a Aquiles [...] a linguagem fica muito mais rica e incomum se comparada a outros personagens” (THOMAS, 2005, p.52). O investimento na personagem foi tão intenso que, segundo Katherine Callen King, Homero disponibilizou para os autores posteriores uma quantidade expressiva de temas para que eles pudessem reviver Aquiles em suas próprias personagens, como a juventude belicosa, a brutalidade guerreira, a obsessão pela honra, a querela entre o rei e o melhor guerreiro, a escolha entre a glória e a vida longa, o escudo divino, etc. (KING, 1991, p. 19).

Tais questões fizeram de Aquiles um tema extremamente atrativo para os Estudos Clássicos,² mas as análises acerca de sua condição etária carecem de maior atenção. A questão é importante porque estamos plenamente conscientes de que à idade dos indivíduos é adida uma série de expectativas sociais que orientam suas práticas cotidianas e ajudam a definir a posição social que o agente ocupa. Logo, a periodização da vida implica um investimento simbólico específico em um processo biológico universal (DEBERT, 2007, p.51). Os discursos que estabelecem distinções sociais a partir de referências biológicas parecem plenamente adequados ao que Pierre Bourdieu denominou *habitus*, ou seja, “princípio gerador de estratégias inconscientes ou parcialmente controladas tendentes a assegurar o ajustamento às estruturas de que é produto tal princípio” (BOURDIEU, 2004, p.60). Compreender o *habitus* etário como um dado estruturado e estruturante é um dos caminhos privilegiados para avaliar a produção e reprodução da vida social. Assim, a visibilidade de Aquiles é tão interessante para nós quanto foi para o *aedo* de Quios.

As idades da vida em Homero não são institucionalizadas, diferentemente do que ocorre atualmente, dado que se atribuem responsabilidades aos agentes assumindo como referência a passagem do tempo. Aliás, a contagem da vida em anos parece ser um dado pouco significativo para o poeta.³ Desse modo, o recurso mais apropriado para reconhecer o grau etário de determinada personagem é avaliar de que modo seus comportamentos e posições sociais se apresentam a partir da comparação com outras personagens.

Aparentemente, um traço distintivo em Aquiles é sua juventude (**νεότης**), que parece adequada, ainda segundo Katherine Callen King, ao fato de o herói estar associado ao tema da vida que se torna curta em função da guerra (KING, 1991, p.5). Um dos epítetos a ele associados, **μυνηθάδιος**, “que tem vida breve”, “que vive pouco”, denuncia essa condição constantemente ratificada ao longo da narrativa.⁴ Em seu lamento junto a Tétis, o herói questiona: “Mãe, que me dotaste de uma vida tão curta (**μυνηθάδιόν**), não devia o Olimpo cumular-me de honras?” (HOMERO. *Ilíada*, I, 352-354). O mesmo aparece expresso pelo vocábulo **ὠκύμορος**, “morrer rapidamente”,⁵ também presente em uma fala de Tétis (HOMERO. *Ilíada*, I, 417) e que, diferentemente do primeiro, é associado exclusivamente a Aquiles. Alguns estudos relacionam a glória guerreira à morte precoce, já que o herói esteve disposto à entrega de uma vida potencialmente capaz de ser vivida.⁶

No campo de batalha, a juventude era, na concepção homérica, uma condição indispensável. Néstor, por exemplo, é constantemente eximido da atividade guerreira em função de sua idade avançada, como quando, em um elogio, Agamêmnon louva o ânimo do ancião e lamenta sua senectude: “pudessem responder em vigor os teus joelhos” (HOMERO. *Ilíada*, IV, 313); ou quando o próprio Néstor se ressentia por não poder aceitar o desafio que Héctor fizera aos melhores aqueus: “fosse eu jovem como quando junto ao rápido-fluente Celadonte [...]” (HOMERO. *Ilíada*, VII, v. 133-134). A longa digressão que Príamo faz ao lamentar a própria velhice é igualmente célebre:

*Num moço, no ardor de Ares, pó agudo bronze
lancinado, a jazer no campo de batalha,
ainda que morto, tudo é belo; mas um velho,
profanadas, como cabeça e barba brancas
a genitália; um velho, pasto para os próprios
cães – não há visão mais triste para os tristonhos
mortais.*

(HOMERO. *Ilíada*, XXII, 73-79)

Estar disposto ao combate, contudo, não é uma evidência suficientemente segura para aferir a idade das personagens. Se assim o fosse, a juventude poderia ser entendida como uma fase em que o agente não é mais criança (**παῖς**, **παιδός**), já que dispõe de recursos físicos para o combate, tampouco idoso (**γέρον**), já que sua capacidade guerreira ainda não o im-

pele ao afastamento. Assim, mesmo que a disposição para combater afaste tacitamente a marca da senilidade, ela não elucida os matizes etários nada desprezíveis observados nos heróis que duelaram nas planícies de Troia.

Em alguns momentos, através das relações interpessoais travadas pelas personagens, as diferenças etárias ganham visibilidade justamente porque são exigidas para sustentar alguma posição social. Essa questão parece atingir o paroxismo no Canto IX, quando Aquiles reencontra Fênix, aquele que Peleu escolheu para instruir seu filho quando o herói era apenas uma criança. Juventude e Velhice criam um contraste *sine qua non* durante a Embaixada enviada por Agamêmnon. Lamentando a posição irresoluta de Aquiles de não retornar à guerra, o ancião recorda aos prantos a época em que esteve presente junto a ele, com a intenção expressa de dissuadi-lo através da autoridade quase paterna que conquistou: “Mais de uma vez, na altura do pei, a túnica me manchaste, menino rebelde, cuspidando nela a bebida. Muitas coisas passei por ti, muito sofrimento” (HOMERO. *Ilíada*, IX, 490-493).

Outro contraste aparece quando se observa a relação de *phília* entre Aquiles e Pátroclo, que, segundo a fala de Néstor, foi enviado a Troia na intenção de oferecer bons conselhos ao herói de ânimo intempestivo. Durante uma reminiscência junto ao segundo, o orador de Pilos fala de sua visita a Peleu para convocar Aquiles para o combate: “A Aquiles, Peleu recomendou que superasse a todos, sobranceiro; Menécio te alertou: ‘Aquiles, pela estirpe, te excede. Porém, és mais velho. Em força, ele também te sobrepuja. Deves dar-lhe conselhos sábios, apontar caminhos. Ele, para seu bem, há de ouvir-te’” (HOMERO. *Ilíada*, XI, 779-791). Mesmo que não saibamos com precisão a idade de Pátroclo, sabemos que Aquiles é mais jovem que ele.

Finalmente, uma última diferença etária serve de medida para avaliar a questão e exibir a contradição do poema homérico. Aquiles decide retornar à guerra após a morte do amigo. Ansioso por combater os troianos, o filho de Peleu sequer se alimentava. Odisseu, cuja ponderação é reconhecidamente uma constante em todo o épico, tenta recomendar ao herói que espere a hora certa para o combate e se prepare para tal: “Replicou-lhe Odisseu, políastuto, dizendo: ‘Aquiles Peleide, és o mais forte dos Dânaos, de longe, e me superas no vigor da lança; mas muito me vantagemo sobre ti no engenho: nasci primeiro e muito mais coisas já vi’” (HOMERO. *Ilíada*, XIX, 216-219). Odisseu, assim como Pátroclo, é mais velho que Aquiles. Sabemos que o primeiro, diferentemente do segundo e do terceiro, era casado e tinha um filho.

Claudine Leduc fez uma análise bastante ponderada do casamento nas sociedades homéricas. Como é comumente admitido, o matrimônio tende a instaurar uma nova fase da vida, já que o indivíduo abdica do antigo vínculo familiar para instituir seu próprio *oikos*, angariando autonomia e visibilidade social. O casamento é o ensejo para o surgimento de uma nova geração, já que a reprodução de filhos legítimos foi a prerrogativa que sustentou o princípio organizador do sistema matriarcal durante séculos de história grega. A autora concentra seu maior interesse na relação entre os bens que acompanhavam, ou não, as noivas. Com base nessas preocupações e tomando como referência principal a situação experienciada por Penélope, a antropóloga deduziu que, no *oikos* homérico, a esposa assume uma relação de parentesco com seu marido semelhante àquela que disputava anteriormente com seu pai, e com seus filhos, semelhante à vivida com seus irmãos consanguíneos (LEDUC, 1994, p.291). Para nós, contudo, o mais importante é que o casamento da nobreza homérica (da qual Aquiles e Odisseu fazem parte) é oblíquo, visto que “o noivo, seja qual for o caso de figura considerado, pertence à geração que precede a da noiva” (LEDUC, 1994, p.301). Assim, tal como ocorria no Período Clássico (séc. V ao IV a.C.), a jovem adolescente, mal atingida a puberdade, era dada a um homem maduro. Para a autora, essa obliquidade no casamento, assinalada séculos mais tarde, é um dado estrutural herdado das sociedades do século IX a.C. a que Homero parece se referir (LEDUC, 1994, p.301).

A juventude de Aquiles que, como vimos, é insistentemente ratificada durante o épico, parece contradizer esse sistema matrimonial tão coerente em relação à idade das outras personagens e desequilibrar o *habitus* etário que evoca. Apesar de desejá-lo, Aquiles ainda não tinha se casado, como declara:

*Se os deuses me salvarem, se retorno ao lar,
certo o próprio Peleu me buscará uma esposa.
Na Hélade, na Ftia, entre as Aqueias há de sobra
filhas de paladinos da pólis, princesas;
farei da que prefira minha esposa cara;
meu coração deseja há muito uma legítima
consorte, que comigo goze das riquezas
que Peleu conquistou. Pois nada como a vida.
(HOMERO. *Ilíada*, IX, 394-401)*

O fato de não ter esposa também fica explícito através da enorme lista de dons reparatórios de Agamêmnon, na qual uma de suas filhas foi oferecida para assumir essa condição (HOMERO. **Iliada**, IX, 121-161). A despeito do fato de não ser casado e de ter significativa diferença de idade em relação a Pátroclo e Odisseu, tal como o filho de Laertes, Aquiles também deixou um filho em seu *oikos* antes de partir para a guerra. Homero não menciona quem seria a mãe da criança, mas deixa claro que Aquiles é pai de Neoptólemo durante o lamento que o próprio herói faz após a morte de Pátroclo:

*Dor maior não poderia afligir-me,
nem mesmo se eu soubesse que morreu meu pai,
que ora talvez em Ftia derrame ternas lágrimas
pela ausência do filho. (E eu, entre gente estranha,
pela funesta Helena, a combater os Troicos!)
Nem mesmo se meu filho, que em Esciro educa-se,
semelhante a um-deus, Neoptólemo, morrera (se é
que ainda vive).*

(HOMERO. **Iliada**, XIX, 321-328)

Não parece provável que os *aedos* que compuseram os épicos, interlocutores de uma aristocracia consciente de seus privilégios, se dispusessem a ferir um sistema tão coeso justamente através do herói de maior visibilidade na trama.⁷ A questão se torna ainda mais interessante, se considerarmos a seguinte passagem protagonizada por Fênix: “Peleu, domador-de-corcéis, quando, há tempo, da Ftia te mandou a Agamêmnon, enviou-me contigo; eras muito jovem, inexperiente ainda na guerra crua e nos debates da ágora, onde nobres formam-se” (HOMERO. **Iliada**, IX, 438-442). A ideia de juventude associada ao herói atinge seu auge com essa passagem, visto que o traçado que diferencia o filho de Peleu dos demais é justamente seu ímpeto combativo, e há uma diferença flagrante entre tornar-se guerreiro durante a guerra e ir à guerra por ser guerreiro.

Aliado a essas questões, não se pode desconsiderar que, entre a época da chegada de Aquiles a Troia e o presente da narrativa, se passaram nove anos, o que torna o nascimento de Neoptólemo ainda mais peculiar. Também é notável o fato de que Aquiles não parece ter assumido, ao longo desse período, o *habitus* etário tradicionalmente associado aos indivíduos que superaram a *hýbris* típica da juventude: permanece intempestivo (HOMERO. **Iliada**, I, 226-230), de ânimo ardoroso (HOMERO. **Iliada**, IX, 160-161),

incapaz de pronunciar bons discursos (HOMERO. *Ilíada*, XVIII, 104-106) e alheio aos conselhos (HOMERO. *Ilíada*, XIX, 303-304), distanciando-se, assim, da prudência, da ponderação, da habilidade oratória e do respeito à experiência que caracterizam a *sophrosýne* dos heróis mais velhos. É verdade que seu *páthos*⁸ parece ter sido capaz de ajudar o herói a superar determinados comportamentos, mas isso só se dá na ocasião da morte de Pátroclo (HOMERO. *Ilíada*, XVIII) e, de modo quase indiscutível, quando se compadece de Príamo na ocasião do resgate do corpo morto de Héctor (HOMERO. *Ilíada*, XXIV).

Diante disso, deduz-se que a juventude de Aquiles não é uma condição passageira, mas um traçado distintivo inerente à caracterização da própria personagem. Para mantê-lo permanentemente jovem, Homero recusou tacitamente a influência que a passagem do tempo exerceria sobre ele. A razão que funda sua eterna juventude, como apontado anteriormente, parece evidente: era necessário adequá-lo ao tema da glória em combate, para o qual o estatuto de jovem é uma condição inicial por gerar uma “bela morte” – *καλὸς θάνατος*. No entanto, não há incoerências flagrantes em outras personagens a respeito do envelhecimento, mesmo naquelas que também morrem jovens em combate e são louvadas com distinção. Esse não parece ser um argumento suficientemente claro para entender a contradição.

Em primeiro lugar, pode-se defender que o poeta não dispunha de leitores críticos capazes de apontar deslizos e buscar soluções para remediar os equívocos: como é próprio das palavras oralizadas, uma vez enunciadas são impossíveis de ser corrigidas. Em segundo lugar, não parece plausível que a coerência temporal do poema fosse uma preocupação tanto para o poeta quanto para seus ouvintes, já que a épica tradicional não se prestava a inquietações que são típicas de uma cultura literária surgida séculos mais tarde. Em terceiro lugar, pode-se sugerir que essa incoerência seja resultado da própria complexidade dos temas associados a Aquiles, que fizeram dele uma personagem incapaz de centralizar tantos elementos e manter-se, ainda assim, imune a algumas contradições.

Essas três questões podem ser plausíveis. No entanto, penso que o principal motivador que levou Homero a cometer tal contradição foi a necessidade de conciliar dois postulados extremamente valorizados pela cultura bélica que a *Ilíada* exhibe e que são excludentes entre si: a exacerbação da juventude do “melhor dos aqueus” (*ἄριστος Ἀχαιῶν*) e a geração de filhos legítimos, segundo os critérios supracitados, da aristocracia.

Curiosamente, o tema do casamento, que serviu para confirmar a incoerência, serve também para entendê-la. A geração de filhos legítimos é constantemente reiterada ao longo do épico como um dos mais importantes aspectos para a reprodução da vida social. No exército troiano, por exemplo, a proteção das mulheres e crianças parece ser a principal motivação que impele os guerreiros ao combate,⁹ tendo em vista a expectativa de assegurar a possibilidade de crescimento de um filho homem capaz de superar em virtudes seu próprio pai (HOMERO. *Iliada*, VI, 466-484). Os homens, que reconhecem sua finitude, veem em seus filhos o único meio de perpetuar os méritos da comunidade, do *oikos* e de sua própria glória pessoal, já que estão plenamente conscientes de que, como defendeu Dodds, “a vida de um filho era um prolongamento da vida do pai” (DODDS, 2002, p. 41). É nesse sentido que os filhos dos heróis da épica tradicional convertem-se em um instrumento de memória. Crê-se que, quando atingissem a idade viril, sustentariam, através da exibição pública de seus valores, a glória imperecível de sua linhagem: do mesmo modo que “herdavam a dívida mortal dos pais exatamente como herdavam suas dívidas comerciais” (DODDS, 2002, p. 41), arrastavam consigo o louvor de quem os gerou.

Homero considerou indispensável atribuir a paternidade a Aquiles justamente por causa de sua morte iminente: Neoptólemo seria aquele que daria continuidade às façanhas do herói, ampliando seus méritos e assegurando sua imortalidade. Se, por um lado, Homero rompeu, através de Aquiles, a rígida coerência do estatuto etário das personagens, por outro lado manteve-se coeso em relação ao tema que fundamenta as ações ao longo da *Iliada*. O tempo social, o tempo da narrativa e o próprio curso da vida encontram-se subordinados à glória em combate, questão inicial e arbitrária para o canto dos *aedos*.

WHEN HOMER IGNORES THE TIME: ACHILLES' YOUTH

Abstract: *Achilles is the most complex homeric character. The hero of whom the Muse sings the anger in the Iliad is also the character which the age is most difficult thing to be defined. This article intends to reflect about the criteria definitions of age-grade considering that the aging is biological events socially reflected.*

Keywords: *Achilles; youth; homeric poetry.*

Documentação escrita

ÉSQUILO. **Agamêmon**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2007.
HOMERO. **Íliada**. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Editora Mandarim, 2001.

_____. **L'Illiade**. Trad. Victor Berárd. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

_____. **Odisseia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. **L'Odyssee**. Trad. Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

Dicionários

BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Librairie Hachette, 1950.
CHANTRAINE, P. **Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque**. Paris: Editions Klincksieck, 1968.

ISIDRO PEREIRA, S. J. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

LIDDELL; SCOTT'S. **An Intermediate Greek-English Lexicon**. Oxford: Claredon Press, 1992.

Referências bibliográficas

ASSUNÇÃO, T. R. Nota crítica à bela morte vernantiana. *In: Classica*. São Paulo: p.53-62, 1994/1995.

BURGESS, J. S. **The Death and Afterlife of Achilles**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2009.

DEBERT, G. G. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. *In: MORAES, M.; BARROS, L. (Org.) Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 49-68.

DODDS, E. R. **Os Gregos e o irracional**. São Paulo: Escuta, 2002.

KING, K. C. **Achilles: paradigms of the war hero from Homer to the Middle Ages**. Los Angeles: University of California Press, 1991.

LEDUC, C. Como dá-la em casamento? A noiva no mundo grego (séculos IX-IV a.C.). *In: DUBY, G.; PERROT, M. História das mulheres do Ocidente*. São Paulo: Edições Afrontamento, 1994, p.277-347.

LORAUX, N. **A invenção de Atenas**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MACCARY, W. **Childlike Achilles**: ontogeny and phylogeny in the Iliad. New York: Columbia University Press, 1982.

MORAES, A. S. **O ofício de Homero**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

NAGY, G. **The Best of the Achaeans**: concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1979.

REDFIELD, J. M. **Nature and Culture in the Iliad**: the tragedy of Hector. London: Duke University Press, 1994.

SCHÜLER, D. **A construção da Ilíada**: uma análise de sua elaboração. Porto Alegre: LP&M, 2004.

THOMAS, R. **Letramento e oralidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2005.

VERNANT, J-P. **Entre mito e política**. São Paulo: Edusp, 2002.

ZANKER, G. **The heart of Achilles**: characterizations and personal ethics in Iliad. Michigan: The University of Michigan Press, 1997.

Notas

¹ Lembramos que as denominações aqui utilizadas são convenções, já que os vocábulos que definiam as diferentes fases da vida em Homero são radicalmente diferentes daqueles que utilizamos atualmente.

² Os homeristas também analisaram longamente as características do herói, de modo que seria uma tarefa inexequível contemplar a variedade de trabalhos disponíveis sobre o tema. A título de exemplo, destacam-se as análises criteriosas de BURGESS, 2009; MACCARY, 1992; NAGY, 1979; REDFIELD, 1994 e ZANKER, 1997.

³ É notável que a única referência à contagem da vida em anos apareça na *Odisseia*, justamente para relatar um fato completamente excepcional: Odisseu, durante sua passagem pelo Hades, relata a existência de Oto e Efialto, filhos de Posêidon e Ifimédia, que “nove côvados tinham de largo ao contarem nove anos, e nove braças de altura, também, nessa idade atingiram” (HOMERO. *Odisseia*, IX, 311-312).

⁴ A única personagem que partilha este epíteto é Héctor: “Restava-lhe de vida apenas um lapso mínimo (μινυνθάδιος): Palas Atena já o empurrava para a Moira mortal” (HOMERO. *Ilíada*, XV, 612-614).

⁵ Segundo Pierre Chantraine, ὥκως é explicitamente um antônimo de βραδύς, “tardio” (CHANTRAINE, 1968, p. 1299), o que transforma ὥκυμωρος em um vocábulo que possui uma significação bastante correlata a μινυνθάδιον.

⁶ Dos quais podemos destacar VERNANT, 2002; LOURAUX, 1994 e ASSUNÇÃO, 1995.

⁷ Justamente porque, como defendido em trabalhos anteriores, a adequação dos discursos aos anseios da aristocracia palaciana era o principal mecanismo de sobrevivência dos poetas orais, cuja atividade dependia do poder econômico dos nobres a quem celebravam as tradições orais helênicas. Sobre esse tema, consultar MORAES, 2011.

⁸ A ideia do sofrimento como um acontecimento capaz de gerar aprendizado foi desenvolvida com mais clareza séculos depois. Vemos que Ésquilo, em *Agamêmnon*, associa ao **πάθει μάθος**, o “saber pelo sofrer”, a possibilidade de amadurecimento através da experiência (ÉSQUILO, *Agamêmnon*, v. 176-179).

⁹ HOMERO. *Ilíada*, VI, 276-278; HOMERO. *Ilíada*, VI, 364-367; HOMERO. *Ilíada*, VI, 429-432 e HOMERO. *Ilíada*, IX, 593-596.